



Lau Siqueira e a poesia de fina filigrana

Lau Siqueira and the poetry of fine filigree

Amador Ribeiro Neto¹

Resumo: O presente artigo comenta dois livros de poesia de Lau Siqueira, gaúcho radicado na Paraíba há quase trinta anos. Destaca a presença de minucioso trabalho com a palavra, em seu uso poético-coloquial, valendo-se de trocadilhos e deslocamentos de expectativas. Aliando sentimento e consciência de linguagem, o poeta transita, numa poesia concisa e sublime, do individual ao coletivo, com admirável desenvoltura.

Palavras-chave: Lau Siqueira; poesia contemporânea

Abstract: This article comments on two books of poetry Lau Siqueira, gaúcho based in Paraíba almost thirty years ago. It highlights the presence of painstaking work with the word in its poetic and colloquial use, making use of puns and expectations offsets. Combining feeling and language awareness, the poet moves in a concise and sublime poetry, from the individual to the collective, with admirable aplomb.

Keywords: Lau Siqueira; contemporary poetry

1. toda palavra

Desde que li, pela primeira vez, Lau Siqueira – e foi via Internet – sua poesia, concisa e substantiva, me chamou a atenção. Há nela provocação, provocações. O leitor inquieta-se com o sublime do lírico, a irreverência do satírico, o despojamento do coloquial, a reflexão haicaísta, o experimento concreto, o engajamento maiakovskiano, as pitadas pessoano-leminskianas. Está tudo nela. E ainda uma esnobada, muito bem arquitetada, com a displicência irresponsável da poesia dita espontânea.

Na matéria de base de sua poesia, que se caracteriza pela integridade da expressão poética, o tema sempre fica fora de foco. Distorção do dito pelo sugerido. Nada

¹ É professor do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Poeta, contista, crítico literário e de música popular. Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Autor de *Lirismo com siso - notas sobre poesia brasileira contemporânea (crítica, 2015)*; *Ahó-ô-ô-oxe* (poesia, 2015); *Imagens & Poemas* (poesia, 2008) e *Barrocidade* (poesia 2003). Autor e organizador de *Epifania da poesia* (ensaios, 2012); *Muitos: outras leituras de Caetano Veloso* (ensaios, 2011); *Literatura na universidade* (ensaios, 2001). Integra as antologias *Poemas que escolhi para as crianças* (Org. Ruth Rocha, 2014), *Roteiro da poesia brasileira – anos 2000* (Org. Marco Lucchesi, 2009) e *Na virada do século, poesia de invenção no Brasil* (Org. Claudio Daniel e Frederico Barbosa, 2002). Escreve periodicamente nos blogues www.augustapoesia.wordpress.com e www.festassemioticas.wordpress.com E-mail: amador.ribeiro@uol.com.br

a ver com simbolismos evanescentes. A matéria concreta, da palavra e do referente, consubstanciam esta poesia que é pedra e é pó.

Era isto, então: em meio à porrada poética de um rigor pouco usual entre os poetas contemporâneos, a provocação do inconcluso. Algo de sólido desmanchando no ar. Ou desmanchando na página de um grande jornal, em ondas – mas próximo aos pés – como mostra a ilustração da capa deste *Sem meias palavras* (João Pessoa: Ideia, 2002).

De novo o jogo matéria concreta e matéria pulverizada. Os pés, que sustentam-nos no chão, estão ao ar, apontando para o alto, para o título do livro – que Joana Belarmino leu bem como “*Semeias Palavras*”. Isto mesmo: o leitor é chamado a ser *parceiro-semeador* do poeta no campo da palavra. Mas igualmente é convidado a ser parceiro-descodificador dos poemas que nunca caem na ingenuidade do didatismo – um dos piores inimigos da poesia.

Eis a surpresa: descodificação? Mas, como, se os poemas do Lau são tão simples? E de fato o são, sim. E quem disse que a simplicidade é sinônimo de facilidade? Fosse assim, teríamos milhares de Manuéis Bandeira. Temos um só.

Lau consegue tomar a simplicidade e vinculá-la aos requintes de uma linguagem poética que não se entrega de imediato. Estou seguro de que entrega-se parcimoniosa e incompletamente muitas e muitas vezes. Como toda boa poesia.

E o que provoca o leitor nos poemas de Lau, o que atíça-o na busca de novos significados, percebe-se depois, é o deslocamento contínuo que o poeta promove do referente, numa entonação melódica que mais preenche o leitor de significantes do que de significados propriamente ditos.

Resultado: fazendo uma leitura radial destes significantes o leitor começa a vislumbrar alguns contornos de uma rede de possíveis significações – todas devidamente escamoteadas pela musicalidade de sua poesia.

Música é Forma. A música informa-nos pela Forma. Ninguém jamais perdeu tutano reclamando que isto seja alienação. No geral, curtimos música e ponto. Ora, a música de Lau Siqueira nasce da palavra num rol de metáforas, símiles, antíteses, contrastes, paronomásias e até parábolas. Mas tudo arranjado num jogo de paralelismos muito bem arquitetado, realçando proximidades e destacando dessemelhanças.

Há uma coisa – mas falta outra. Àquela assertiva segue um abismo de indagações. Sempre fica faltando um pedaço nos poemas de Lau. O que é que acontece de fato? O poeta não invoca o referente pelo seu nome, nem por codinomes chapados em imagens clichêzadas. Lau chama o sentimento (sua poesia é quase sempre expressão de um sentimento diante do mundo pensado) descrevendo-o como se o sentisse pela primeira

vez. Melhor: como se este sentimento estivesse sendo sentido/pensado pela primeira vez pelo leitor. Ao tomar o *sentimento* como pessoal, Lau singulariza-o e torna-o, assim, universal desde o seu mínimo detalhe polifônico.

Não se *re-conhece* o mundo do qual o poeta fala, mas ele é *sentido e pensado* na sua singular materialidade. Isto quer dizer que o Lau libera a percepção, a sensação e a reflexão do automatismo prosaico. E aí a percepção do leitor (percepção lógica e subjetiva) dirige-se e concentra-se na linguagem poética, chamando atenção para a palavra no poema. Assim, sua poesia estabelece-se enquanto duração. Ela dura, permanece, fica. Ganha o leitor, imantando-o com o novo objeto.

Para chegar a este novo objeto (instaurado pelo poema), o leitor tem de vencer a dificuldade criada pelo poema: a coisa a ser apresentada surge do inesperado, como se o acaso se fizesse senhor do jogo.

Em parte sim. E em grande parte não. Lau me disse, certa vez, que é mais coração do que cérebro ao fazer os poemas. Acredito nele, mas estou convicto de que ele mente. Lembro, por exemplo, que os cordelistas negam-se a reconhecer os processos estruturais e estruturantes de sua poesia – mas reagem energicamente ao primeiro sinal de quebra destes elementos.

Lau pode não pensar na hora H, mas sua poesia é cabeça-&-coração ao mesmo tempo. Tal como no verso pessoano: “o que em mim sente está pensando”.

Ao leitor cabe entrar neste jogo e saber que sempre sentirá a falta de algo. Sempre haverá um dentro reclamando de um fora. Um fora que não se basta e berra por um dentro. Há uma parte que busca o todo e um todo que não se basta na unidade. Há o vazio querendo o preenchimento e um preenchido exangue de ser uno. Este movimento incessante de incompletude e busca é o que faz com que a poesia de Lau assuma o sólido e o pulverizado, numa linguagem que se vale de artifícios concisos, densos, rigorosos. E à qual não temo nomear, neste livro, linguagem neobarroca.

Lau é neobarroco na condensação de significantes que explodem numa cadeia de dissimulações de sentimentos universais, sempre anunciados e adiados. Por isto mesmo *Sem meias palavras* faz jus ao chamado de semear palavras. Não ideias. Palavras. A palavra é a matéria de Lau Siqueira. Objeto de deleite erótico, neobarroco e minimal.

2. a pele da poesia

Bandeira nos surpreende pelo inusitado do cotidiano visto tão de perto que nem parece real(idade). Drummond nos pega com peças do dia a dia expostas tão ao sol e à luz que parecem de cristal, ao invés de barro. Cabral revolve a matéria com tanta força e

gana que nem parece que uma construção organizada vai resultar dali. Augusto toma a palavra contra tudo e contra ela, de tal forma que sua poesia parece saída da concretude de uma betoneira.

E eu poderia seguir falando assim, à moda de um crítico caipira apaixonado pela leitura de poesia, mas prefiro dar um *break* e mergulhar na poesia de Lau Siqueira.

Reafirmo que é uma poesia estonteante. Estonteante naquilo que nos toma de assalto, nos desinstala, nos põe chão abaixo, toma posse de nós e, por fim, nos leva ao alumbramento. Principalmente, como vimos anteriormente, no caso neobarroco de *Sem meias palavras*, em que o sentido é escamoteado (ou mesmo surrupiado), deixando o leitor à cata de. À cata da *Coisa* que se busca. *Coisa* que se oferece mas não se entrega. O jogo da linguagem poética consigo mesma, numa metapoesia que (e)leva o leitor à condição de coautor e copoeta: cúmplice de um ludismo em forma labiríntica.

Já no ultra lírico *Texto sentido* (João Pessoa: Ed. do Autor: 2007), e no quintaniano *Poesia sem pele* (Porto Alegre: Casa Verde, 2011), temos um Lau Siqueira diferente no uso da linguagem poética. Ele abandona o neobarroco – ainda que a sensibilidade, de seu modo de olhar e sentir o mundo, continue presente de forma incisiva.

Esta é sua grife poética: a revelação do mundo, do cotidiano e do social indo até o mais extremadamente íntimo e particular. Sua poesia percorre o arco que discorre do todo ao uno e do um ao todo. Ela nunca teve pele, casca, casacos. Sempre foi crua, nua, inteira. Ossatura de estrutura dura. E ao mesmo tempo, amorável.

Quando neobarroco, a busca pelo objeto perdido dava-se às claras – iludindo o olho do tolo que interrompia a corrida para apanhar as bolas de ouro de Atalanta – como no festejado poema “Elegia, indo para o leito”, de John Donne (1572-1631), em tradução de Augusto de Campos.

Seu neobarroco é um modo particular de perder-se na simplicidade (aparente) das palavras corriqueiras, das imagens cotidianas, da linguagem coloquial. Ele sabe driblar a sintaxe enviesada, retorcida, invertida do neobarroco e criar uma perda do objeto sob a claridade – e não mais sob as sombras e nebulosas da corrente na qual se inserira. Ele sabiamente também sabe ser neobarroco “ignorando” as características deste movimento.

A poesia de Lau é feita de miríades, de filigranas, como requintada e nobre ourivesaria. No entanto, seu rigor se apresenta como despojamento, tal a leveza com a qual consegue resolver questões poéticas e existenciais mais delicadas. Seja num trocadilho ou num paradoxo, a mirada de sua poética está na abordagem que ele, ao lado de poucos e raros, dominam na cena da poesia brasileira contemporânea.

Parcimônia. Frugalidade. Sobriedade. Humor davinciano à la Monalisa. O inusitado retirando o leitor do cotidiano e entranhando-o na linguagem da poesia. A palavra como matéria viva, prima, osso. A linguagem como domínio de expressão rigorosa do ser, do objeto, do sentimento, da cena, da reflexão.

Enfim, reiteramos, uma poesia de lastros no pessoal e no social, indistintamente. Isto faz com que ela se destaque no marasmo de coisas e coisas feitas à revelia, em desrespeito à sensibilidade e à inteligência do leitor. Mais: sem respeito ao repertório crítico-poético do leitor minimamente antenado com o estágio que a poesia brasileira contemporânea atingiu.

Vejamos, *en passant*, um poema de *Poesia sem pele*: “Macambúzio”

*a solidão
é um passo inseguro
para dentro dos próprios
muros*

*como se em nada
além das palavras
houvesse luz*

*a solidão é esse barco
que jamais naufraga
ou sai da deriva*

A solidão desnudada nos intramuros pessoais, “jamais naufraga / ou sai da deriva”. Solidão, solidão, vasta solidão. O poeta não precisa da repetição para enfatizar o sentimento: ele o nomeia entre imagens, sonoridades e deslocamento das palavras na página em branco.

Solidão. No entanto, há uma saída e ela mora na palavra. Palavra de poeta. Palavra pra uso do poeta. *Fiat lux*. Faça-se a palavra. Palavra, companheira. Ela acalenta o poeta e o atordoia. Ela é sua meta e seu desafio. Jamais naufraga. Jamais deixa a deriva. Vive neste vaivém do movimento dos barcos. Das ondas das águas.

O poeta, assim, é um sujeito macambúzio, errando taciturno da proa ao leme, do leme à proa. Sua solidão é universal. Por isto o leitor sente-se contemplado na perplexidade, que é mútua.

Outra coisa: a poesia de Lau é poesia da afirmação. E da conceituação. Por isto mesmo o verbo ser, na terceira pessoa do presente do indicativo, (pre)domina. Isto implica um raciocínio que tende para a lógica, para o pensamento, para a ideia, para a opinião. Coisa de filósofo, não de poeta.

No entanto, esta “lógica” é desestruturada pelo uso, também recorrente, das metáforas, dos “conceitos indefinidos”, da semântica coloquial que é vencida pela força magnética (diria mesmo: hipnótica) do ritmo de cada poema. Para Lau, também em *Poesia sem pele* poema é, acima de tudo, música.

Um exemplo, catado a esmo, desta pseudo lógica, apoiada na conceituação, encontramos em “pensamento / é plano sem planos” (p. 27). Eis a definição. Eis a indefinição. Este jogo de dizer não dizendo, ou dizer ao espelho, percorre todo o livro, como a criar elos entre os poemas. Elos amarrados por uma musicalidade que nasce da rítmica engendradora por cada palavra, numa ciranda de versos. (Considere-se, aqui, a recorrência da aliteração do /p/ e a presença da assonância no uso da nasalização).

Este modo de tomar a palavra e vertê-la em poesia, dentre tantos, é uma das marcas registradas deste poeta. Dentre mantras, tantras, magia, dissimulação, iconoclastia escondidos por entre versos – sempre pontuados pela primeiridade peirceana da música. Puro sentimento de qualidade de som: “e a vida baila / em disfarces” (p. 57).

O poeta sabe desconstruir a sintaxe contagiada e contagiosa. No compasso dos passos da balada, do baile, da noite de gala, ele pulsa a vida mascarada. A vida de *personas*. A vida tal como ela é: representação. Fantasia. Carnaval. Com brevidades de quaresmas.

Neste ponto sua poesia toca a existência naquilo que ela tem de essencial: “real e de viés”, como nos lembra Caetano. O que é e o que não é, como nos ensina a filosofia.

Mais que flertando – copulando – com a música, a poesia de Lau é um canto de rock, um bolero, um frevo, um tango, uma *habanera*, uma milonga, uma sonata. Cada poema traz impregnado em si o ritmo, a harmonia, a melodia, a musicalidade que os versos envolvem em uníssono.

Há a música bandeiriana que o Lau desentranhou das vivências quintanianas. Há o rock pesado que o metal de alguns versos carregam em alta voltagem. Há tanta música quanto poesia. Por isto mesmo, *Poesia sem pele*: “poemúsica” na pele da gente. Pra suspirar fundo. De tanta imensa beleza nua. Desconstruindo.

Lau Siqueira, um gaúcho radicado na Paraíba há quase trinta anos. Poeta, antes de tudo. Centrado no cerne da palavra e dos sentimentos. Para sorte de todo leitor sensível e rigoroso.